

# Juventudes, mundo do trabalho e suas relações com a leitura: um olhar sobre os estudantes do EMI

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar as relações entre juventude, leitura e mundo do trabalho no contexto do Ensino Médio Integrado (EMI), com foco nos estudantes do curso técnico em Biotecnologia do Instituto Federal de Goiás (IFG) – Campus Formosa. A fundamentação teórica baseia-se em autores como Leão (2011), Dayrell (2003), Saviani (2007) e Kleiman (2016). Discute-se a juventude como um processo socialmente construído, suas relações com a leitura e a importância da educação na formação integral do indivíduo. A metodologia utilizada incluiu entrevistas semiestruturadas com estudantes e professores. Para a análise, discussão e interpretação dos resultados, utilizou-se a análise de conteúdo. O estudo enfatiza a necessidade de integrar conhecimento técnico e formação humanística, destacando que a escola deve preparar o jovem estudante não apenas para o mundo do trabalho, mas também para o desenvolvimento do pensamento crítico por meio da leitura. Como resultado, identificou-se que os alunos reconhecem a leitura como uma ferramenta essencial para interpretação e transformação da realidade, embora ainda enfrentem barreiras na compreensão e na análise crítica de textos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventudes. Mundo do Trabalho. Leitura.

**Lidiane Maria de Campos**

[lidiane.campos@ifg.edu.br](mailto:lidiane.campos@ifg.edu.br)

<https://orcid.org/0009-0001-7269-8765>

Instituto Federal de Goiás, Formosa,  
Goiás, Brasil

**Veruska Ribeiro Machado**

[veruska.machado@ifb.edu.br](mailto:veruska.machado@ifb.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-7754-6947>

Instituto Federal de Brasília, Brasília,  
Distrito Federal, Brasil

## INTRODUÇÃO

O Estatuto da Juventude (2013) define os jovens como indivíduos entre 15 e 29 anos de idade. Assim, ao tratar do Ensino Médio Integrado (EMI), estamos nos referindo a estudantes com essa faixa etária, que ao iniciarem suas primeiras experiências na juventude, estão a concluir o último ciclo da educação básica.

Este trabalho tem como objetivo investigar as relações dos jovens com o mundo do trabalho e as relações com a leitura dos alunos do 1º ano técnico em biotecnologia. Busca-se também compreender a realidade dos alunos a partir de suas próprias falas, no que consente à leitura e as dificuldades que os docentes observaram ao longo do primeiro ano.

As reflexões neste estudo fundamentam-se nas falas coletadas em entrevistas com alunos e professores do 1º ano do Curso Técnico em Biotecnologia, do IFG Campus Formosa e nas contribuições de autores como Leão (2011), Della Fonte (2018), Dayrell (2003), Kleiman (2016), entre outros, autores acerca do tema.

Estruturalmente, este estudo divide-se em mais quatro tópicos, além desta introdução. Inicialmente, abre-se o diálogo na perspectiva de compreensão do termo juventudes e, posteriormente, a correlação entre a juventude no IFG e o mundo do trabalho, com todas as implicações que o termo traz. Subsequente a isso, apresentam-se os resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas com os professores do IFG. Na análise dos resultados, é feita uma contextualização acerca dos jovens do IFG, com seus anseios, dificuldades, desafios e as estratégias utilizadas pelos docentes a fim de auxiliá-los nesse processo de transição para o mundo do trabalho. Por fim, apresentam-se as considerações finais e a relação das referências consultadas.

## EDUCAÇÃO E JUVENTUDES

Leão, (2011, p.102) afirma que “compreender as trajetórias juvenis, suas práticas sociais e culturais, sua relação com o mundo do trabalho, (...) é fundamental para compreender sentidos, motivações, atitudes e práticas que desenvolvem na sua inserção em processos educativos.”

Este entendimento favorece a compreensão do termo juventudes, pois, segundo Dayrell (2003), não existe apenas uma forma de juventude. Embora haja um limite temporal especificamente demarcado, a juventude não se reduz a uma simples passagem, mas constitui um processo moldado pelo contexto social em que os jovens vivem e pelas interações que estabelecem. Como resultado dessas interações, eles desenvolvem maneiras únicas de vivenciar a juventude, especialmente nas camadas populares, onde não existe um único modo de ser jovem. Daí o termo juventudes no plural, uma vez que eles são influenciados e moldados pelo ambiente em que estão inseridos.

É um desafio que se impõe à escola conhecer o jovem estudante em todas as suas dimensões — histórica, social e cultural — para que, assim, o professor desenvolva um olhar diferenciado para cada estudante. E não o reconheça apenas por sua dimensão cognitiva (Leão et al., 2011), ou como aquele aluno que participa, realiza as atividades e não atrapalha as aulas. E como a maioria dos

jovens passam a maior parte do seu dia dentro do espaço escolar, a escola deve tornar-se esse lugar favorável e propício para o desenvolvimento humano e integral.

É inconcebível abordar a relação entre jovens e trabalho sem considerar a escola, que deveria ser o lugar natural dos jovens, um espaço onde o trabalho também deveria ser integrado de forma espontânea. Contudo, a educação atual opta por excluir o trabalho de suas práticas, o que, segundo Franzoi (2011), nos desumaniza. Mesmo quando o trabalho é incluído nas escolas, isso é feito de maneira limitada e direcionada apenas aos segmentos mais pobres, reduzindo a educação a uma preparação para ingressar e se adaptar ao mercado de trabalho, em vez de promover uma compreensão mais ampla e humanizadora do trabalho (Franzoi, 2011).

Seguindo esse pensamento, Ramos (2007, p.3) afirma que a educação deve propiciar “aos sujeitos o acesso aos conhecimentos e à cultura construídos pela humanidade”, propiciar “a realização de escolhas e a construção de caminhos para a produção da vida”. Esse caminho se estabelece por meio do trabalho e, mais especificamente, é na juventude que muitos caminhos são desenhados, sonhados e traçados. Ainda que muitos jovens não alcancem o que desejam, o fato é que a escola e os professores são fundamentais para despertar o interesse e a escolha sobre qual caminho seguir após o término do ensino médio. Que os estudantes possam tomar decisões conscientes e criar suas próprias trajetórias de vida de maneira significativa e autônoma.

Embora a escola seja importante, porém devido ao tempo que ela exige e a sua importância na sociedade moderna, sua relevância na vida dos alunos não é absoluta. Em vez disso, a sua importância varia conforme os diferentes contextos e circunstâncias individuais de cada aluno (Leão, 2011).

Os jovens são bombardeados por informações de todos os lados, por meio das mídias eletrônicas, e a escola e o ensino competem em condições desiguais com esses artefatos. “Na cena contemporânea, as juventudes têm muitas faces, inundam diferentes paisagens com sua diversidade, destilam suas falas em diferentes espaços, desafiam em sua irreverência o status quo...”(Oliveira; Lacerda, 2021).

A adolescência é uma etapa incisiva na vida desses jovens, pois é um momento de escolhas — muitas das quais, até então, realizadas por seus responsáveis, mas que, a partir desse período, passam a configurar, paulatinamente, uma identidade própria, marcada por decisões e escolhas que podem influenciar significativamente o futuro. Ou ainda, na concepção de Ramos (2007, p.16) (...) “e, dentre essas escolhas também está a formação profissional, o projeto de vida subjetiva e social que se deseja e se pode perseguir. ”

A agitação cotidiana, por vezes, suprime reflexões que poderiam ser úteis, mas que também a imaturidade advinda da idade também não permite realizar. Ainda assim, os jovens precisam enfrentar os desafios pessoais e sociais que surgem no contexto dinâmico da vida.

Este estudo refere-se ao curso técnico integrado ao Ensino Médio, em Biotecnologia, oferecido pelo Instituto Federal de Goiás, que têm como premissa uma maior articulação entre educação e trabalho. A sociedade moderna alcançou um nível de desenvolvimento que exige um acervo mínimo de conhecimentos sistemáticos — aqueles produzidos pela escola — sem os quais as pessoas não conseguem sequer usufruir plenamente de seus direitos como cidadãos, tampouco

se engajar ativamente na sociedade. Como aponta Saviani (2007, p.160) “o trabalho orienta e determina o caráter do currículo escolar em função da incorporação dessas exigências da sociedade.” Nessa perspectiva, pensaram-se os cursos técnicos no EMI para que os estudantes tenham acesso aos conhecimentos sistematizados e tenham uma boa preparação para o mundo do trabalho de forma consciente e ativa, e não por meio de um processo alienado e desvinculado entre trabalho e educação intelectual. E para que essa mudança ocorra, ela passa necessariamente pela comunidade escolar.

Ao refletir sobre os jovens de hoje, da geração Y, com idades entre 11 e 28 anos, e sua relação com as formas de trabalho, Bauman enfatiza que 'a última coisa de que gostariam é de um emprego com estabilidade eterna' (Bauman, 2010, p. 40). É a geração do efêmero, do fugaz, que não se compraz em manter-se muito tempo em uma única atividade, mas que, ao mesmo tempo, deseja encontrar seu lugar no mundo. Peralva (1997) registra que cada sociedade e cada época constroem a sua própria juventude, o que ela chama de identidade geracional. Ou seja, a ideia de juventude não é fixa, mas moldada pelas características e valores de cada sociedade e de cada tempo específico.

## O ENSINO MÉDIO E O MUNDO DO TRABALHO

Uma instituição como os Institutos Federais, comprometida com a formação humana e integral, deve reforçar estratégias que favoreçam a formação omnilateral dos estudantes, o que poderá contribuir para a permanência e o sucesso deles na instituição. Por omnilateralidade entende-se a formação do ser humano em sua integralidade física, mental, cultural, política, científico-tecnológica, conforme Ciavatta (2008).

Os IFs devem constituir-se em centros de excelência na oferta do ensino de ciências em geral e de ciências aplicadas, em particular, estimulando o desenvolvimento do espírito crítico, voltado à investigação empírica, a fim de garantir aos alunos a oportunidade de se desenvolverem com autonomia dentro do espaço acadêmico.

Pode-se apontar, diante dessa reflexão, a necessidade de que os currículos estejam bem articulados com a realidade e de que os conteúdos estejam correlacionados com o curso técnico que os institutos oferecem. Pois muitos estudantes buscam alinhar o curso superior com a formação técnica do ensino médio. Eles desejam continuar seus estudos em uma área que complemente e amplie os conhecimentos e habilidades adquiridos, criando um *continuum* educacional e profissional. E isso não é algo que acontece repentinamente, mas um trabalho que se desenvolve paulatinamente ao longo de todo o Ensino Médio, em parceria com a escola e, em especial, com os docentes, que trilham junto aos estudantes esse itinerário formativo. Despertando neles o desejo e o prazer pelo conhecimento, permitindo-lhes sonhar e vislumbrar outras possibilidades e caminhos em suas trajetórias juvenis" (Leão et al., 2011).

E os Institutos Federais (IFs) é o lugar para que essas juventudes tenham a voz necessária para reverberar seus anseios, desenvolver o pensamento crítico, desenvolver habilidades e competências para atuar no mundo trabalho.

Em contraposição à Lei de Diretrizes e Bases, que “tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e

sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1996, art. 2º), essa não é exatamente a posição defendida nos Institutos Federais. Estes visam à formação integral dos sujeitos, na perspectiva do Ensino Médio integrado à educação profissional. O objetivo não é apenas formar o aluno em sua dimensão técnica, mas articular esses conhecimentos com as disciplinas básicas, de modo a romper com a lógica das necessidades do mercado. Seria ainda mais proveitoso se os objetivos e aspirações pessoais dos jovens estivessem em consonância com os conhecimentos gerais e técnicos ensinados dentro da escola.

O mundo de hoje exige mais do que um simples trabalhador para apertar parafusos e realizar tarefas repetitivas; ele requer que o trabalhador seja versátil, tenha fluidez e plasticidade para se ajustar a novas atividades (Della Fonte, 2018). Saviani (2007) afirma que o trabalho influencia diretamente o componente curricular. Essa propulsão de conhecimentos é estruturada para preparar os estudantes para atender a essas necessidades, refletindo as expectativas e as funções que eles terão de desempenhar em suas futuras vidas profissionais. O currículo escolar é, portanto, moldado por essas necessidades e exigências do trabalho e da sociedade. Desse modo, “o papel fundamental da escola de nível médio será, então, o de recuperar essa relação entre o conhecimento e a prática do trabalho” (Saviani, 2007, p.160). Isso sustenta a base do Ensino Médio Integrado, no qual o aprendizado acadêmico, aliado à experiência prática, prepara os estudantes não apenas com a teoria, mas também com habilidades e competências diretamente aplicáveis ao mundo do trabalho.

Porém, inúmeras vezes o jovem é forçado a abandonar a escola para ajudar no sustento familiar, conforme preconiza Franzoi (p. 119, 2011):

A obrigação de trabalhar desde cedo ocasiona relações descontínuas e acidentadas dos jovens com a escola, promovendo uma drástica defasagem idade-série/etapa escolar. Jovens de 15 a 17 anos deveriam frequentar o ensino médio, contudo esse é um dos maiores gargalos do sistema de ensino.

Mesmo que a atual política de governo ofereça auxílios aos estudantes do EMI nos IFs — como o auxílio permanência (devido ao ensino ser integral), auxílio alimentação, bolsas de estágio supervisionado e monitorias —, nem sempre isso é suficiente para garantir a permanência desses alunos na escola. No Campus Formosa, esses auxílios são disponibilizados por meio de editais, nos quais os estudantes interessados devem se inscrever para concorrer às vagas.

Ainda nesse viés, a educação oferecida nos IFs foca, segundo Silva e Pimenta (2021), na dimensão humana, de modo que favoreça a emancipação da classe trabalhadora. A sociedade impõe ao jovem a responsabilidade por suas escolhas futuras, mas a desigualdade social não permite que todos alcancem seus objetivos.

Por outro lado, Dayrell (2007) propõe que a escola deve ser repensada para responder aos desafios apresentados pela juventude. Os jovens aos quais o autor se refere são, majoritariamente, estudantes de escolas públicas — jovens pobres da periferia dos grandes centros urbanos, onde a desigualdade social é prevalente. Seguindo essa linha Ramos; Júnior (2023, p.39) afirmam “que o trabalho desenvolvido pelos Institutos Federais tende a amenizar desigualdades educacionais, permitindo um desenvolvimento educacional satisfatório de estudantes de diferentes origens socioeconômicas e culturais.”

Os Institutos Federais contribuem para que jovens de diferentes contextos, em especial aqueles em condições mais vulneráveis, tenham acesso a uma educação que os prepare para a vida em sociedade e os insira no mundo do trabalho, independentemente de suas condições socioeconômicas.

Mas enfim, o que representa o trabalho nessa categoria da juventudes? Ramos (2007, p.4) define o trabalho como “a ação humana de interação com a realidade para a satisfação de necessidades e produção de liberdade”. Ou seja, é por meio do trabalho que as pessoas garantem sua sobrevivência e bem-estar, ao mesmo tempo em que exercem sua capacidade de transformar a realidade e agir com autonomia, conquistando assim liberdade e realização pessoal.

E apenas o ser humano tem essa capacidade de ideação do que pretende produzir, antes de realizá-lo, como aduz Marx (1984, p.202):

Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente.

O que Marx pensou é o mesmo que os jovens do EMI são estimulados a imaginar e projetar o que desejam construir em suas vidas profissionais e pessoais. Esse processo é fortalecido por uma formação que combina conteúdos acadêmicos e técnicos, possibilitando que eles não apenas realizem tarefas, mas também compreendam e planejem o trabalho de forma estratégica, alinhando a teoria e a prática. De maneira que eles concebam em suas mentes o processo de trabalho antes mesmo que ele aconteça.

A grande maioria dos estudantes têm o primeiro contato com o mundo do trabalho na fase do estágio supervisionado, no último ano do ensino médio. E muitos demonstram maior entusiasmo ao receber o primeiro salário. Esse início no mundo do trabalho não só proporciona experiência prática, mas também a movimentação do mercado, conferindo-lhes poder de compra e possibilitando as ostentações juvenis.

Os IFs não têm a intenção de formar os jovens para, apenas, atuar no mercado de trabalho, mas que eles compreendam o processo e a “dinâmica sócio-produtiva das sociedades modernas” (Ramos, 2007, p.5).

O Ensino Médio é a fase da educação básica onde o vínculo entre ciência e práticas produtivas se tornam mais claras. Comumente, a faixa etária dos jovens nessa etapa escolar, nos Institutos Federais, varia entre 15 e 18 anos. Além disso, é a etapa do desenvolvimento biopsicológico e social dos alunos em que acontece o planejamento e a necessidade de inserção no mundo do trabalho e na vida adulta (Ramos, 2007).

Ciavatta e Ramos (2012, p.308) solidificam essa ideia quando afirmam que o “ensino médio e educação profissional integrados formam uma unidade na qual não há precedência de um sobre o outro”. Elas defendem que ambos os tipos de formação têm igual valor e devem ser integrados de maneira equilibrada, sem hierarquias, formando uma unidade na qual nenhum dos dois aspectos seja considerado um mais importante que o outro.

Isso sem deixar de lado a compreensão de que a formação integrada oferecida pelo Instituto, busca não apenas elevar o nível cultural dos estudantes, mas também amplia a compreensão de que a educação ocorre não apenas na

escola, mas também na família, em organizações de classe, nas relações de amizade e, de maneira geral, no convívio social diário. Nesse quesito, os IFs têm um papel ímpar ao preparar a juventudes para os desafios do mundo do trabalho e ao mesmo tempo auxiliá-los na construção de uma vida pessoal e profissional significativa. Em especial, nessa faixa etária onde os jovens estão se descobrindo e formando sua identidade.

Utilizando essa abordagem inicial, vamos identificar como está o processo de leitura dos estudantes que ingressam no primeiro ano: o que trazem, quais são suas dificuldades e como os professores os percebem a partir de suas experiências em sala de aula.

## METODOLOGIA

Trata-se de um trabalho de natureza aplicada cujo objetivo é refletir acerca das relações dos jovens com o mundo do trabalho e suas relações com a leitura.

Na estrutura educacional brasileira, os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia têm como sua principal oferta os cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, em uma perspectiva de formação humana e integral. A concepção de educação profissional, comprometida com a formação humana integral, busca garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua sociedade política (Ciavatta, 2014, p. 85).

Aliada a essa concepção, observa-se que a leitura, como prática social, impõe ao estudante que ele “desenvolva estratégias de leitura eficientes” (Kleiman, 2016, p. 16), a fim de atuar de modo pleno e hábil em uma sociedade que exige, cada dia mais, um leitor proficiente.

Para alcançar o objetivo proposto, realizou-se entrevistas semiestruturadas com os estudantes do 1º ano do curso técnico em Biotecnologia, entre 2 a 9 de julho de 2024, totalizando 18 entrevistas. A participação foi autorizada pelos pais ou responsáveis, e todas as entrevistas foram conduzidas pela plataforma Google Meet, com agendamento prévio.

Para identificar as dificuldades apresentadas pelos estudantes ingressantes no tocante à leitura e interpretação de textos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os docentes do 1º ano, das áreas de Língua Portuguesa, Química, Leitura e Produção de Texto e Biologia I. As entrevistas ocorreram no período de setembro a outubro de 2024. O objetivo dessas entrevistas, além de identificar as dificuldades dos estudantes, foi também verificar as estratégias metodológicas relacionadas à leitura.

A entrevista qualitativa, portanto, oferece informações essenciais para analisar e entender as interações entre os indivíduos e suas circunstâncias. Seu propósito é obter uma visão aprofundada das crenças, atitudes, valores e motivações que influenciam os comportamentos das pessoas em determinados contextos sociais (W.Bauer; Gaskell, 2007).

Nas entrevistas, as palavras constituem o principal veículo de comunicação. Elas representam uma interação, um intercâmbio de ideias e significados, onde diversas realidades e percepções são investigadas e construídas. Nesse processo, entrevistado(s) e entrevistador, cada um a seu modo, participam ativamente da

construção de conhecimento (W.Bauer; Gaskell, 2007). A análise dessas entrevistas ocorreu à luz dos autores: Ciavatta (2014), Kleiman (2016), Leão (2011), Dayrell (2003) e Della Fonte (2018). Todos os nomes mencionados no texto, são fictícios em substituição aos nomes verdadeiros, com o intuito de preservar o anonimato dos participantes da pesquisa.

As entrevistas foram transcritas e seu conteúdo foi organizado em categorias: a) as percepções e práticas de leitura a partir da visão dos próprios estudantes; b) as principais dificuldades que os docentes observaram ao longo de todo o primeiro ano dos estudantes; c) as estratégias que os docentes utilizam para auxiliar os estudantes a superar as dificuldades de leitura.

Sobre os resultados, análise, discussão e interpretação dos dados utilizou-se a análise de conteúdo (AC) que segundo a definição de Bardin (1977, p.42) é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise é realizada de forma sistemática e objetiva, buscando descrever o conteúdo das mensagens e identificar indicadores, sejam quantitativos ou qualitativos, que possam fornecer insights ou conhecimentos sobre as circunstâncias relacionadas à produção ou recepção dessas informações. A seguir encontra-se a análise das entrevistas realizadas.

## A LEITURA E SUAS NUANCES

E quem são esses jovens que ingressam no ensino técnico? De acordo com os dados levantados, a faixa etária dos participantes está entre 14 e 16 anos, todos residentes em Formosa-GO, com exceção de um estudante que mora na zona rural.

Dos alunos entrevistados, apenas um estudante veio da rede particular de ensino, todos os outros vieram de escolas públicas. Apenas um aluno afirmou trabalhar no período noturno, enquanto os demais dedicam-se exclusivamente aos estudos. Quanto aos índices de reprovação, apenas um estudante mencionou ter sido reprovado ao longo de sua trajetória escolar. Todos os estudantes têm acesso às redes sociais e gastam no mínimo 20/30 min. por dia a 8h diárias, e a prática recorrente, nas redes sociais, é conversar com os amigos e assistir a vídeos.

Quanto às práticas e incentivos à leitura, a aluna Jéssica diz que “a leitura pode abrir muitas oportunidades, assim”. Hoje o mínimo que se exige de um profissional é que ele seja proativo, que saiba sair das situações com rapidez e inteligência. Para que o aluno exerça com excelência o seu trabalho, além de ser alfabetizado, é necessário que tenha o seu processo de leitura bem aprimorado. Que ele saiba interpretar o mundo ao seu redor, ou como afirma Freire (2011, p.29), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

Quando perguntado se a leitura tem relação com a vida, todos os estudantes são unânimes em afirmar tal proposição. Para o estudante Josué: “Ela é essencial nos dias de hoje, é um hábito de todo dia. Difícil sobreviver hoje sem leitura.” Nesse contexto, Leão et al. (2011) afirma que a escola, em especial, as

de ensino médio integrado, devem ser o espaço de referência onde os jovens possam adquirir reflexão crítica, informações, habilidades e competências para a construção de seus projetos futuros. Em consonância com essas ideias, o professor Vitor afirma que, quanto melhor você entende a linguagem, mais você sabe até onde pode chegar. É preciso reconhecer que o acesso à linguagem promove inserção social, e o aluno deve estar ciente disso.

As escolas em si, enfrentam o desafio de oferecer uma educação abrangente e significativa que capacite os jovens a planejar e alcançar seus objetivos pessoais e profissionais. É altamente relevante quando o estudante atinge esse nível de maturidade ao reconhecer a importância e a necessidade da leitura nos dias atuais. Não se trata apenas de saber ler, mas de interpretar a própria realidade ou, como afirma Marta, nessa mesma perspectiva:

Para eu ter novos pontos de vista sobre a minha realidade, sobre o meu cotidiano, e também sobre pontos de vista de outras pessoas — tipo, eu acho uma coisa, mas, só que, usando o ponto de vista, me colocando no lugar daquela pessoa, eu consigo enxergar uma nova realidade, também sendo muito boa assim com a vida.

A aluna referenda que a leitura a permite ter outros pontos de vista e até mesmo o auto processo de desenvolvimento de empatia para com o outro.

Para aqueles que já percebem a leitura como parte do cotidiano, ela tem uma relação bastante prática com a vida, como atesta o estudante Expedito: “A leitura ajuda a ler placas, caso você esteja perdido na rua, por exemplo. Ou como afirma Street (2013, p.54) “engajar-se com o letramento é sempre um ato social, desde a sua gênese”. Desde o nascimento faz-se a leitura de mundo, ainda que não saia por meio de palavras no primeiro momento, mas internamente os saberes se constroem, e se ressignificam de modo contínuo, permitindo e facilitando a interação social.

Outro dado interessante é que 11% dos estudantes afirmaram não ler a sinopse dos livros, preferindo fazer a escolha apenas com base na capa ou no título. Como relata a aluna Marta: “Escolho pela capa, porque tenho preguiça de ler a sinopse. Para mim, perde a magia do livro. Eu quero descobrir por mim mesma.”

Em relação aos estudantes que se consideram leitores, 28% afirmaram se identificar dessa forma, enquanto 72% não se consideram leitores. E ainda há aqueles que nunca leram um livro por completo. Esse resultado revela que a maioria dos alunos não se veem como leitores, porque não leem por iniciativa própria, não leem com frequência, não gostam de ler ou lêem por imposição da escola. Dentre os que não se consideram leitores, Expedito explica que não se vê como tal por precisar ler o mesmo livro várias vezes para entender do que se trata.

As respostas variam entre os que não têm o hábito da leitura. Fabrício lê apenas quando solicitado — exceto a Bíblia —, mas não sente vontade de ler espontaneamente. Rita, embora reconheça a importância da leitura, não a pratica com frequência. Já Josué admite que a leitura amplia o vocabulário, proporciona mais conhecimento e serve como uma alternativa ao uso excessivo do celular, porém raramente pega um livro para ler.

A definição de leitor segundo o Instituto Pró-Livro (IPL) é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses e não leitor é

aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos três meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses. O Instituto Pró-Livro é uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), sem fins lucrativos, criada e mantida pelas entidades do livro – Abrelivros, CBL e SNEL – com a missão de transformar o Brasil em um país de leitores.

De acordo com a pesquisa realizada podemos visualizar a quantidade de livros lidos informados pelos estudantes ao longo de toda trajetória escolar:

**Quadro 1** – Livros lidos

Quantidade de livros lidos	Número de estudantes
1 a 3 livros	4
3 a 10	5
Perdeu a conta	8
Nunca leu um livro inteiro	1

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Dentre os números apresentados, incluem-se os livros lidos de forma espontânea, bem como aqueles exigidos pela escola durante toda a trajetória escolar até o 1º ano do Ensino Médio.

Acerca da motivação para a leitura, um aluno relatou que lê por indicação dos professores e outro aluno por recomendação da internet. A aluna Caroline diz que é para “conhecer mais sobre a história e aprender a ler um pouco mais”.

Sobre a entrevista realizada com os docentes, foi perguntado se há alguma dificuldade notável dos alunos na identificação de temas principais e detalhes importantes nos textos. A professora Liz relata que muitos estudantes permanecem na superficialidade do texto; alguns, inclusive, têm dificuldade até mesmo para interpretar o título, não conseguindo estabelecer uma relação entre ele e o conteúdo lido. A professora Kátia também observou que muitos alunos têm dificuldade em extrair informações do texto, fazem uma leitura superficial, tendo dificuldade em analisar, sintetizar e avaliar o tema proposto. Ambas as professoras relatam com precisão e sintonia a questão da leitura superficial que os estudantes realizam.

O professor Vitor menciona que muitos “chegam com algumas questões em relação à leitura e sobretudo, evidentemente, interpretação de texto, (...) porque no Instituto eles vão lidar com muitos tipos de textos diferentes, ou seja, vários gêneros textuais”. O professor destaca que, em todas as suas aulas, já incluídas no plano de aula, os alunos utilizam o celular para realizar atividades relacionadas à disciplina. O professor enfatiza seu entusiasmo pela docência, destacando sua satisfação com a carreira e seu papel como modelo para os alunos. Ele evita discursos negativos sobre a profissão, busca inspirá-los ao mostrar que é possível ter sucesso e prazer na docência, além de compartilhar sua experiência em duas carreiras: como professor e artista.

Seguindo esse raciocínio, Saviani (2016, p. 84) alude que se houver a intenção de preparar para o trabalho, viabilizar o desenvolvimento integral da pessoa e prepará-la para o exercício da cidadania:

É preciso operar um giro da formação na direção de uma cultura de base científica que articule, de forma unificada, num complexo compreensivo, as ciências humano-naturais que estão modificando profundamente as formas de vida passando-as pelo crivo da reflexão filosófica e da expressão artística e literária.

Mais uma vez, Saviani referenda a necessidade da integração dos diversos saberes, é imprescindível a base científica ao mesmo tempo que deve formar os estudantes em sua integralidade e criticidade. Ao compartilhar sua experiência em duas profissões, Vitor amplia o horizonte dos alunos sobre a diversidade de trajetórias possíveis no mundo do trabalho, inspirando-os a buscar caminhos profissionais que unam vocação e satisfação. Essa postura reforça a conexão entre o processo educativo e a preparação para o mundo do trabalho.

Outra situação apresentada pelo professor Gabriel é a dificuldade dos estudantes em interpretar textos longos e complexos. “Normalmente eles se perdem em questões, enunciados mais longos, acham que são muito difíceis”. O docente afirma que cerca de 70% da turma apresenta essa dificuldade tanto na leitura quanto na interpretação e reforça com os estudantes a necessidade da leitura. Ele trabalha a leitura de artigos científicos com poucas páginas a fim de inseri-los nesse ambiente acadêmico.

Em relação às estratégias adotadas pelos docentes para minimizar as dificuldades identificadas, destacam-se as seguintes abordagens: a leitura orientada, em que o professor guia os estudantes e oferece direcionamentos e dicas sobre o que deve ser feito; a leitura acompanhada, realizada parágrafo por parágrafo; e a estratégia de envolver os alunos com o texto, explorando a argumentação e as emoções do autor, além de incentivar a descoberta dos interesses e das funções dos textos.

Para valorizar o esforço e a aprendizagem, os trabalhos produzidos pelos alunos na disciplina de Prática e Produção Textual são publicados em revistas ou transformados em projetos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo possibilitou investigar as complexas interações entre juventudes, leitura e mundo do trabalho no contexto do Ensino Médio Integrado nos Institutos Federais. Observou-se que esses jovens enfrentam desafios significativos para conciliar a formação educacional com a preparação para o mercado de trabalho, frequentemente permeados por limitações socioeconômicas e culturais.

Os dados coletados revelaram que, apesar da diversidade de trajetórias e realidades, os estudantes reconhecem a relevância da leitura como uma ferramenta essencial para interpretar e transformar o mundo ao seu redor. No entanto, os docentes são unânimes em afirmar que as dificuldades relacionadas à interpretação de textos, análise crítica e leitura aprofundada ainda são barreiras que precisam ser superadas. Nesse sentido, os professores buscam minimizar essas dificuldades, utilizando estratégias pedagógicas que aproximam os alunos da prática leitora e os incentivam a superar suas limitações, embora os resultados ainda sejam modestos.

Ademais, a formação integrada oferecida pelos Institutos Federais surge como uma alternativa exitosa para articular educação e trabalho de forma humanizadora e emancipatória, alinhando o aprendizado técnico às demandas culturais e sociais. Essa abordagem contribui para que os jovens construam suas trajetórias de maneira consciente e autônoma, preparados para enfrentar os desafios da vida adulta e profissional.

Este artigo reforça a necessidade de estratégias educacionais que considerem as múltiplas dimensões das juventudes, respeitando suas particularidades e promovendo uma formação integral que valorize o conhecimento crítico e a cidadania ativa. E tudo isso tem o seu início dentro da sala de aula, onde o docente atua como coadjutor nesse processo de inserção dos estudantes no ambiente acadêmico, em preparação para o mundo do trabalho e conscientizando-os de que a leitura permeia e conecta todas as áreas do conhecimento.

Que os Institutos Federais continuem sendo um espaço de referência para a emancipação desses jovens, auxiliando-os na construção de uma vida pessoal e profissional plena e significativa apesar de todos os desafios que ainda precisam superar.

# Youth, the world of work, and their relationship with reading: a look at EMI students

## ABSTRACT

This article investigates the relationships between youth, reading, and the world of work within the context of Integrated High School (EMI), focusing on students in the biotechnology technical course at the IFG Campus Formosa. This research seeks to understand how young people engage in reading and the challenges they face in transitioning to the workforce. The theoretical framework is based on Leão (2011), Dayrell (2003), Saviani (2007), and Kleiman (2016). It discusses youth as a socially constructed process, their relationship with reading, and the importance of education in an individual's holistic development. The methodology included semi-structured interviews with the students and teachers. This study emphasizes the need to integrate technical knowledge with humanistic education, highlighting that schools should prepare students not only for the workforce but also to develop critical thinking through reading.

**KEYWORDS:** Youth. World of work. Reading.

# Juventudes, mundo del trabajo y sus relaciones con la lectura: una mirada sobre los estudiantes del EMI

## RESUMEN

El artículo investiga las relaciones entre juventud, lectura y mundo del trabajo en el contexto de la Educación Media Integrada (EMI), con énfasis en los estudiantes del curso técnico en Biotecnología del IFG – Campus Formosa. La investigación busca comprender cómo estos jóvenes se relacionan con la lectura y qué desafíos enfrentan en la transición al mundo laboral. El marco teórico se basa en autores como Leão (2011), Dayrell (2003), Saviani (2007) y Kleiman (2016). Se discute la juventud como un proceso socialmente construido, sus relaciones con la lectura y la importancia de la educación en la formación integral del individuo. La metodología utilizada incluyó entrevistas semiestructuradas con estudiantes y profesores. El estudio enfatiza la necesidad de integrar el conocimiento técnico con la formación humanística, destacando que la escuela debe preparar al estudiante no solo para el mundo del trabajo, sino también para desarrollar el pensamiento crítico a través de la lectura.

**PALABRAS CLAVE:** Juventudes. Mundo del trabajo. Lectura.

## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023 Informação e documentação - Referências - Elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo; Edições 70/LDA, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF, Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394compilado.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm). Acesso em: 12 jul. 2024.
- BRASIL. **Estatuto da juventude**. nº 12.852, de 05 de agosto de 2013. Brasília, DF.
- CIAVATTA, Maria. **O ensino integrado, a politécnica e a educação omnilateral**. Por que lutamos? Revista Trabalho & Educação, Belo Horizonte, v.23, n.1, p. 187-205, jan-abr 2014. Disponível em: [// seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/7693](http://seer.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/7693).
- \_\_\_\_\_, Maria; Ramos, Marise. **Ensino médio integrado**. In: CALDART, Roseli Salete et al. (Org.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: EPSJV; São Paulo: Expressão Popular, 2012a.
- \_\_\_\_\_, Maria. **Trabalho necessário**. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. Rio, nov./2008. Disponível em: 6122-Texto do Artigo-25556-1-10-20180610 (2).pdf. Acesso em 29 out.2024.
- DAYRELL, Juarez. **O jovem como sujeito social**. Revista Brasileira de Educação, n. 24, p. 40-52, Set /Out /Nov /Dez 2003. Disponível em: [scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf](http://scielo.br/j/rbedu/a/zsHS7SvbPxKYmvcX9gwSDty/?format=pdf) Acesso em: 01/07/2024.
- \_\_\_\_\_, J.. (2007). **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educação & Sociedade, 28(100), 1105–1128. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000300022> Acesso em: 21 jul.2024.
- DELLA FONTE, Sandra Soares. **Formação no e para o trabalho**. Educação Profissional e Tecnológica em Revista, v. 2, n. 2, p. 6-19, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/artes/Downloads/Formacao\\_No\\_e\\_Para\\_O\\_Trabalho.pdf](file:///C:/Users/artes/Downloads/Formacao_No_e_Para_O_Trabalho.pdf). Acesso em: 12 jul. 2024.
- FRANZOI, Naira Lisboa. **Juventude, trabalho e educação: crônica de uma relação infeliz em quatro atos**. In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa;
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 1ª edição. Edit. Cortez. 2011

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 16ª ed. Campinas: Pontes, 2016.

LEÃO, Geraldo. **Entre sonhos e projetos de jovens, a escola....** In: DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; STENGEL, Márcia (org.). *Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades*. Belo Horizonte: Pucminas, 2011. p. 99-115. Disponível em: [https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20120704131151.pdf](https://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20120704131151.pdf). Acesso em: 18 jun. 2024.

\_\_\_\_\_, Geraldo et al. **Juventude, Projetos de vida e Ensino Médio**. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.- dez. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/Jr9sGWbKhNRCFwFBMzLg34v/>. Acesso em: 06 jul. 2024.

LUCENA, Simone. **Culturas digitais e tecnologias móveis na educação**. Educar em Revista, Curitiba, n. 59, p. 277-290, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/Mh9xtFsGCs6HRpCWWM5XhvL/?format=pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

MARX, Karl. **O Capital: Crítica da Economia Política**. In: *O processo de produção do capital*. 9 ed. São Paulo: DIFEL. V. 1. Livro 1, 1984.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; LACERDA, Miriam Pires Correa de. **Juventudes e Educação: apresentação do dossiê**. Cadernos do Aplicação: Pesquisa e Reflexão em Educação Básica, Porto Alegre, v. 1, n. 34, p. 19-22, jan. 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/112391/61513>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PERALVA, Angelina. **O jovem como modelo cultural**. Revista Brasileira de Educação, [s. l], p. 15-24, maio 1997. Disponível em: [http://anped.tempsite.ws/novo\\_portal/rbe/rbedigital/RBDE05\\_6/RBDE05\\_6\\_04\\_ANGELINA\\_PERALVA.pdf](http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf). Acesso em: 12 jul. 2024.

RAMOS, Marise Nogueira; PORTO JÚNIOR, Manoel José. **Os Institutos Federais e a defesa do ensino médio integrado: uma relação histórica**. In: PACHECO, Eliezer; FIORUCCI, Rodolfo (org.). *15 anos dos Institutos Federais: história, política e desafios*. Foz do Iguaçu - Pr: Parque Itaipu, 2023. p. 28-43.

SAVIANI, Demerval. **Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos**. Revista Brasileira de Educação, p.152-180, 2007. Disponível em: [scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt](https://www.scielo.br/j/rbedu/a/wBnPGNkvstzMTLYkmXdrkWP/?format=pdf&lang=pt) Acesso em: 20 jul. 2024.

\_\_\_\_\_, Demerval. **Educação escolar, currículo e sociedade: o problema da Base Nacional Comum Curricular**. Movimento: Revista de Educação, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4, p. 54-84, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistamovimento/article/view/32575/18710>. Acesso: 29 out. 2024. <https://doi.org/10.22409/mov.v0i4.296>

SILVA, Arthur Rezende da; PIMENTA, Carolina Barros. **Juventudes com vidas provisórias e em suspenso: onde aterrar?:** considerações sobre o ensino médio integrado e sua relação com os anseios da juventude da classe trabalhadora. Cadernos do Aplicação: Pesquisa e Reflexão em Educação Básica, Porto Alegre, v. 1, n. 34, p. 195-210, jan. 2021. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.22456/2595-4377.110981>. Acesso em: 12 jul. 2024.

STENGEL, Márcia. **Juventudes Contemporâneas: um mosaico de possibilidades.** Belo Horizonte: Pucminas, 2011. p. 117-134. Disponível em: <https://ava3.cefor.ifes.edu.br/mod/url/view.php?id=280735>. Acesso em: 12 jul. 2024.

STREET, Brian. **Políticas e práticas de letramento na Inglaterra: uma perspectiva de letramentos sociais como base para uma comparação com o Brasil.** Cad. Cedes, Campinas, v. 33, n. 89, p. 51-71, jan.-abr. 2013. Disponível em: [www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br). Acesso em 26 dez. 2024.

**Recebido:** 25 fev. 2025

**Aprovado:** 20 mar. 2025

**DOI:** 10.3895/rtr.v10n0.19987

**Como Citar:** CAMPOS, L. M.; MACHADO, V. R. Juventudes, mundo do trabalho e suas relações com a leitura: um olhar sobre os estudantes do EMI. **Revista Transmutare**, Curitiba, v. 10, e19987, p. 1-17, 2025. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr>. Acesso em: XXX.

**Correspondência:**

Lidiane Maria de Campos  
[lidiane.campos@ifg.edu.br](mailto:lidiane.campos@ifg.edu.br)

**Direito Autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

